



UM PASSEIO IMAGINÁRIO A BENTO RODRIGUES:
MAIS DO QUE UMA LEMBRANÇA, O REAVIVAR DE UMA EXPERIÊNCIA

ISAÍAS GABRIEL FRANCO

Convidamos, você, leitor(a), a conhecer as comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira no adentrar do século XXI de um jeito muito especial: através de um passeio imaginário, tendo como guia as sonoridades locais. Trata-se de um percurso ficcional, porque tais comunidades foram aniquiladas pela lama tóxica que as soterrou com o desabamento da Barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. Ainda assim, elas não desapareceram de todo. Perduram nas lembranças enunciadas em relatos, apresentadas em fotografias que conseguiram ser salvas da destruição e até em alguns vídeos quase milagrosamente preservados. Mais ainda, tornam-se resistentes e re-existent através dessas memórias compartilhadas, que nos inspiraram a escrever e talvez incitem você a viajar conosco através destes textos literários, no anseio solidário por uma economia mais sustentável e uma justiça socialmente efetiva. Pois bem... vamos lá!

Minas, Minas Gerais... “Serras, serras, picos... Curral, Piedade, Rola-moça, Soledade, Caraça, Carranca, Bocaina, Itacolomi, Cauê, três Irmãos, Menina, Conceição, Vertentes, Urubu, Cangalheiro, Mantiqueira. Serras de cujas costas descem os rios que vão ao São Francisco e ao Paraíba para soltar no Atlântico o nosso sangue mineral. Rios encachoeirados, rápidos ou lentos, turvos ou claros, limosos, vermelhos, lamacentos, verdes, cheios de ferrugem e de ouro em pós. Rios, rios, ribeirões...Paraopeba, Arrudas, Santa Bárbara, Gualaxo do Norte [...]” (NAVA, 1984, p.129-130)

PARTINDO DA NASCENTE DO GUALAXO DO NORTE

Recuamos até 2015, poucos dias antes do rompimento da Barragem de Fundão. Encontramo-nos próximos a uma nascente do rio Gualaxo do Norte, que brota como um riachinho saltitante nas pedras no município de Ouro Preto, na escarpada Serra do Espinhaço. Suas águas são límpidas e insípidas; nelas ainda podemos mergulhar nossas e prová-la. Estamos cercados por montanhas e nuvens, sendo possível escutar a água emergindo suavemente da terra, ainda que o vento, típico do clima topical de altitude, esteja cortante de frio. O lugar é belo, permitindo enxergar extensa cadeia colinas, ondas de terra, pedras e minérios a acabar na linha do horizonte. É o mar de Minas se fazendo presente ao nosso olhar. Dele brotaram os minérios, dele foram arrancados tesouros. É dele o ouro descoberto pelos bandeirantes. Ouro de todos os tipos: preto, rico, fino e branco..., suscitando a sanha dos exploradores e depois viriam a criar topônimos a batizar cidades e lugarejos. As serras que vemos daqui foram assim perfuradas. Nas palavras de um viajante que nesta região passou no início do século XIX, “A montanha foi perfurada como um favo de mel, por que os mineiros exploravam todas as partes moles que encontravam e avançavam tanto quanto podiam.” (MAWE, 1978, p.127). Dessas serras esburacadas é que saiu o rico pó a enfeitar e dourar os altares e retábulos do barroco mineiro. Do esteatito, rocha abundante nessas montanhas, conhecida como pedra-sabão, é que brotaram as portadas, colunas e capitéis das mãos do Aleijadinho e de outros artífices do Setecentos mineiro. Podemos, se quisermos, até imaginar o som das rochas sendo removidas naquela época; daqui também foram retirados alguns pigmentos coloridos que, macerados nas mãos de pintores, abriram no teto das igrejas os céus amulados de Ataíde, os florões, orquestras e festões de nossas igrejas mineiras. Mas tal arte tão bonita, lembra também a escravidão. Ao lado do som das missas barrocas, dos Te deum e jaculatórias em latim, estão os sons dos castigos e dos sofrimentos daqueles que na mineração trabalhavam: os escravos. Assim, ao passo que se criavam céus barrocos, estalavam chicotadas na pele de quem nas minas martelava o dia todo nas rochas.

Mas voltemos agora para 2015...

A montanha do qual o ouro saiu e da qual as nascentes Gualaxo do Norte brotam é alta, com muitas ramificações e adjacências perpendiculares a ela, o caminho é dificultoso, perigoso, clivado e cheio de pedras soltas, mas com cuidado começamos a descê-la. No caminho além do vento, escutamos alguns poucos animais que curiosos nos observam de longe, a maioria são pássaros, mas alguns outros animais de porte médio, também ali se fazem presentes. São gambás, quatis, ratos do mato, além de alguns urubus que, do alto, sobrevoam em busca de alguma carniça. Alguns animais nem reconhecemos, pois deles só ouvimos alguns pequenos grunhidos a distância. O zunido de abelhas e marimbondos, cujas casas e colmeias se fazem presentes em algumas árvores, nos fazem silenciar e redobrar os cuidados, pois apesar de pequenos, as picadas de tais insetos são doloridas e em casos extremos, quando o enxame “cisma” de ir em cima de alguém, levam à morte.

Imagine um barulho suave das águas descendo, os pássaros nas matas cantando e soltando seus trinados alegres, inúmeros, altos, confusos. A mata é de transição. Por aqui temos a exuberância da Mata Atlântica, abraçando o cerrado que começa a despontar por ali. Bromélias, cedros, paineiras, a canela amarela, a canela guaica, a casca d’anta, a embira de sapo, o cedro rosa, a goiaba, o pau d’alho, o ingazeiro e tantos outros. Tantas cores, quantos sons. Maritacas, sabiás, beija-flores, os tucanos (confundidos com diabos pelos primeiros colonizadores), a saíra, o surucuá, o papagaio de peito roxo, o guará e o bicudinho–do-brejo e inúmeros pequenos seres alados cantando nos ares, árvores e pedreiras. Verdes, azuis, vermelhos, amarelos, marrons, cinzas.... Um arco íris de flora e fauna e uma sinfonia de animais selvagens: rastejantes, mamíferos, voadores e de grande porte.

Aqui cantavam os pássaros, pulavam os micos e miava a jaguatirica, animal de grande pata, a verdadeira rainha e senhora da mata. Muitos desses animais não existem mais aqui como antes, já que a ação do homem e a depredação das matas espantaram para longe, quando não extinguiram, muitos dos animais que andavam por esses lugares. Então hoje, essa mata exuberante e esses animais estão em lugares cada vez menores. Mas vejam. Aqui ainda temos sons da natureza, sons de uma época onde ainda não haviam povoadores. A diferença é que esses sons não estão mais sozinhos...

RUMO A BENTO RODRIGUES

E assim vamos descendo a serra junto ao curso de água, que cada vez mais parece se expandir com os inúmeros riachinhos que nele vêm desaguar. À medida que descemos, a mata vai rareando e já não vemos tantos animais. A ventania também diminui, na certa barrada pela cadeia de serras que altas, não o deixam ali embaixo soprar muito forte. As árvores e formações rochosas em escarpas vão dando lugar a pastagens e a uns poucos animais domésticos que por ali se veem: cavalos, vacas e alguns bois. Como o solo é de mineração, a pastagem não se faz muito verde e ainda se apercebe muitas formações

rochosas que despontam em pontos do pasto. O gado muge de quando em quando, sons mesclados ao fluir rio que se faz maior a esta altura, atingindo algumas braças de largura, e já corre caudaloso e forte.

Algumas casas começam a aparecer no meio das pastagens. São em sua maioria brancas e pequenas, algumas são coloridas e a maioria delas tem uma pequena chaminé em cima, indício de um fogão a lenha, e por vezes é possível vislumbrar uma pequena fumaça saindo. As casas são cercadas por cercas de arame ou por uma espécie de paliçada de bambus, muitos comuns nas moradas rurais do interior. Vemos árvores frutíferas e flores cercando algumas dessas casas. Delas, escutamos a nossa passagem, o latido de cães e o cacarejar de galos e galinhas. Na certa, os cães acusam aos donos das casas a nossa presença intrusa passando ali. Não nos arriscamos a chegar perto, pois não sabemos o quão irascíveis os animais podem se mostrar. E assim sendo, continuamos descendo seguindo o curso do rio Gualaxo do Norte.

Mais abaixo, outro som começa a nos chamar ao longe a atenção: ele provém da mineradora que desde 1977 atua na região. Não mais explorando o ouro, praticamente inexistente, mas o minério de ferro ainda abundante. O ruído, à medida que chegamos perto, é ensurdecedor. As máquinas arrancam da entranha da terra grandes pedaços do metal e, para isso, um enorme aporte tecnológico se faz necessário. O rio, antes tão límpido, não é mais local de vida, parte dele é desviada para a lavagem necessária no processo de mineração. A sujeira da lavagem do ferro deixa a água escura e opaca. As instalações da mineradora são grandes e feias, os **sons dos maquinários** da mineradora são assustadores e violentos. São enormes estruturas metálicas a engolir parte do pequeno rio.

Seguindo em nosso curso, vemos que a parte desse rio usada para lavagem é despejada em uma grande represa. Barrenta e morta. O som dessa represa é o silêncio. Ali só escutamos os barulhos vindos da mineradora, não muito para trás. A represa é uma barragem com o nome de Fundão; perto dela está outra barragem, esta chamada de Santarém. Ambas são sujas e infectas, muito descarte mineral está presente na água, que também não possui um cheiro muito agradável. É uma água lamacenta e viscosa. Não vemos por perto os insetos que antes nos perturbavam, cremos que este é um dos indícios de que a lama é contaminada. Um enorme paredão de terra segura essa lama. Nos perguntamos ao vê-lo, se aquilo não poderia desabar. A empresa, responsável pela vistoria diz que não, mas nossa intuição não parece muito certa disso.

Pois bem, descendo ao lado do paredão, avistamos lá no vale, uma pequena povoação que se abre aos nossos olhos. É para lá, acompanhando a parte não represada do Gualaxo do Norte que vamos nos dirigindo.

Logo, com mais um pouco de caminhada entramos na Rua São Bento. É uma ruazinha pacata, ladeada por algumas casas e muitas árvores, por onde nas datas comemorativas, sobretudo de **festas religiosas**, a **banda** do povoado passa acompanhando o andor dos santos. **Reisados** e **festejos Congo** são duas das principais; Semana Santa e Festa de São Bento e de Nossa Senhora são outras. Andamos mais um pouco e chegamos na pracinha do distrito. Um enorme gramado com árvores se abre e uma capela branca de portas e janelas azuis, de estilo barroco setecentista se mostra presente. Ali nos disseram

ocorrer nesses dias de festa e uma vez ou outra durante o mês, a celebração da missa, da qual mulheres e homens participam cantando no coral, entoando através de cantos seus louvores e agradecimentos a Deus. Como a capela estava fechada, por ser um dia de semana, seguimos para o estabelecimento ao lado, conhecido como o bar da Sandra. Bar este que o povo frequenta e onde violeiros e cantadores vem animar a população e mostrar seus talentos. Perguntamos a um morador dali sobre possibilidade de um trabalho sustentável, que melhorasse a vida da população, mas que ao mesmo tempo não destruísse o rio, como havíamos visto na usina lá atrás. O morador coçou a cabeça, deu um riso muchocho e não me lembro mais o que ele nos disse naquele momento. P.S. Aquele dia, tomamos um pouco de água no bar, seguimos rua adiante e assim deixamos o povoado de Bento Rodrigues numa tarde ensolarada. Mal sabíamos nós que aquela seria a última vez que veríamos a vila inteira. Isso me faz pensar hoje, quando relembro os sons ouvidos naquela viagem, na importância das mobilizações políticas-musicais para que as lutas por ressarcimento e por justiça possam chegar a um resultado favorável aos atingidos e atingidas pela queda da Barragem.

Bibliografia:

MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1978.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Foto da capa: Marccone de Souza Guedes